



Representações de messianismo nas práticas evangélicas contemporâneas

Representations of messianism in contemporary evangelical practices

Wander de Lara Proença¹⁹⁹

Docente do PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana e do PPG em História Social da Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Messianismo pode ser definido como um movimento que agrega seguidores a líderes carismáticos, que oferecem proteção diante de ameaças imaginárias, anunciam meios salvacionistas para superação de crises imediatas ou a espera por um futuro apocalíptico advindo pela intervenção divina, com ocorrência marcadamente em contextos rurais, a partir do catolicismo popular. No cenário contemporâneo, sua presença é observada em contextos urbanos e com protagonismo evangélico, caracterizada pela identificação com uma figura salvacionista, valorização do poder autoritário, apreço pela belicosidade e mobilização para o combate de inimigos imaginários. Esse artigo analisa como isso ocorre, a partir das noções conceituais de capital simbólico e consagração, de Pierre Bourdieu, e de práticas e representações, de Roger Chartier. Em termos metodológicos, utilizam-se obras especializadas sobre messianismo no Brasil, observação de letras de músicas evangélicas, com articulação de textos acadêmicos e jornalísticos que tratam da relação entre a política e o sagrado no contexto brasileiro recente.

Palavras-chave: Messianismo. Evangélicos. Representações. Práticas. Brasil.

Abstract: Messianism can be defined as a movement that adds followers to charismatic leaders, who offer protection in the face of imaginary threats, announce salvationist means to overcome immediate crises or hope for an apocalyptic future arising through divine intervention, occurring markedly in rural contexts, the from popular Catholicism. In the contemporary scenario, its presence is observed in urban contexts and with evangelical protagonism, characterized by identification with a salvationist figure, appreciation of authoritarian power, appreciation for bellicosity and mobilization to combat imaginary enemies. This article analyzes how this occurs, based on the conceptual notions of symbolic capital and consecration, by Pierre Bourdieu, and practices and representations, by Roger Chartier. In methodological terms, specialized works on messianism in

¹⁹⁹ Pós-doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em História, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em História pelo Programa Associado de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). Professor da Universidade Estadual de Londrina, no Departamento de História, na área de História do Brasil. Professor do Programa de Mestrado em História Social - UEL. Professor da Faculdade Teológica Sul Americana.

Brazil are used, observation of evangelical song lyrics, with articulation of academic and journalistic texts that deal with the relationship between politics and the sacred in the recent Brazilian context.

Keywords: Messianism. Evangelicals. Representations. Practices. Brazil.

Introdução

O crescimento evangélico²⁰⁰ no Brasil, nas últimas décadas, tem demonstrado práticas que denotam representações de messianismo – quando conceituado como um fenômeno religioso que agrega seguidores em torno de uma figura salvacionista emergente no âmbito político-religioso, que oferece proteção diante de ameaças imaginárias, aponta para meios salvacionistas na superação de crises imediatas, valoriza o poder autoritário, tem apreço pela belicosidade e mobiliza para o combate. Esse termo, juntamente com o de milenarismo, designa esperança na possibilidade de algo novo:

Essas doutrinas que predizem o nascimento na terra de uma era de felicidade perfeita são chamadas de “milenares”; elas se opõem à sociedade existente, que é considerada tão injusta quanto opressora, e proclama sua queda iminente. Essas doutrinas são chamadas de ‘messiânicas’ sempre que o início desse mundo perfeito depender da chegada de um ‘filho de Deus’, de um mensageiro divino, ou de um herói mítico: na realidade de um Messias.²⁰¹

Esse artigo objetiva analisar quais representações de messianismo estariam presentes nas práticas de segmentos evangélicos contemporâneos e, neste caso, quais aspectos teriam possibilitado tal configuração? Como hipóteses, considera-se haver uma ressignificação evangélica do capital simbólico messiânico presente no campo religioso brasileiro; ocorrer influência da leitura de textos veterotestamentários que apontam para a supremacia de um povo escolhido para teleologicamente governar sobre os demais, havendo para isso ações estratégicas na busca de poder e engajamento político; além da mobilização para uma “guerra espiritual” na defesa de valores da fé cristã. Adota-se como referencial teórico, Pierre Bourdieu, quando emprega as noções de capital simbólico e consagração, além da articulação dos conceitos de prática e representação, de Roger Chartier.

Em termos metodológicos, utiliza-se como material de análise obras especializadas sobre o tema, observação de letras de músicas evangélicas, articulação de textos acadêmicos e jornalísticos que tratam da relação entre a política e o sagrado no contexto brasileiro recente. No primeiro tópico, apresenta-se um quadro histórico da presença de messianismo no campo religioso brasileiro; num segundo momento, descrevem-se os contextos que favorecem o surgimento de figuras messiânicas,

²⁰⁰ O termo evangélico é aqui empregado de forma abrangente para identificar os diferentes grupos que compõem o ramo do cristianismo oriundo a partir da reforma religiosa ocorrida no século XVI, desenvolvidos no Brasil a partir dos séculos XIX e XX, que incluem tipologias classificadas como: protestantes, pentecostais, neopentecostais, comunidades locais, dentre outras. Registra-se o cuidado metodológico adotado quanto à especificidade, significando que as práticas aqui em análise não se aplicam a todos os evangélicos indistintamente.

²⁰¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa e Omega, 1982, p.78.

destacando os elementos que possibilitam sua consagração; no item final, são analisadas práticas evangélicas que se projetaram no cenário contemporâneo: mobilização para enfrentamento de inimigos imaginários, com destaque ao apreço pela belicosidade; teologia do domínio e conquista do poder; e, finalmente, identificação com uma liderança de cariz político-messiânico.

1 Messianismos no contexto brasileiro

Expressões de messianismo estão historicamente presentes no contexto brasileiro. Registros do período da chegada dos colonizadores ibéricos ao mundo ameríndio, demonstram que povos originários, como os Tupi e Guarani, guiados por suas mitologias, peregrinavam periodicamente na busca do seu “paraíso”, da Terra sem Mal:

Profetas indígenas iam de aldeia em aldeia apresentando-se como reencarnação de heróis tribais incitando os índios a abandonar o trabalho e a dançar, pois os “novos tempos”, que instalariam na terra uma espécie de Idade de Ouro, estavam para chegar.²⁰²

Líderes espirituais, xamãs ou pajés, assumiam assim papéis de guias religiosos conhecedores do caminho e dos meios para a condução ao paraíso sonhado:

A peculiaridade destes messianismos consiste, pois, em que surgiram endogenamente, causados por uma mitologia messiânica. As migrações foram produzidas sob a condução de um profeta carismático, na maioria dos casos um xamã (pajé), buscando a “terra sem males” para o leste, mais além-mar, o que explica o trajeto desde o interior para a costa.²⁰³

O Padre Manoel da Nóbrega, em uma carta escrita em 1549, citada por Vainfas, menciona um movimento entre os tupiniquins e os tupinambás:

Somente entre eles se fazem cerimônias da maneira seguinte: De certos e certos anos vêm uns feiticeiros de mui longe terras, fingindo trazer santidade e ao tempo de sua vinda lhes mandam limpar os caminhos e vão recebê-los com dança e festas, segundo o costume [...] Em chegando o feiticeiro... lhes diz que não cuidem de trabalhar, nem vão à roça, que o mantimento por si virá à casa e que as enxadas irão cavar e as flechas irão ao mato por caça para seu senhor e que hão de matar muitos dos seus contrários, e cativarão muitos para seus comeres e promete-lhes larga vida, e que as velhas vão se tornar moças.²⁰⁴

Estudos também constatarem que os segmentos da população brasileira que ofereceram espaço para as manifestações messiânicas apontam para um imaginário com raízes fincadas no “sebastianismo” de Portugal, colorido e reforçado no fértil solo indígena do mito da “terra sem males”, presente no contexto brasileiro. O “sebastianismo” significou a crença, muito difundida em Portugal, nos séculos XVI e

²⁰² QUEIROZ, 1982, p.165.

²⁰³ PRIEN, H. J. *La historia del cristianismo em America Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p.313.

²⁰⁴ VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.99.

XVII, em relação ao regresso vitorioso do rei D. Sebastião, morto na batalha de Alcácer-Quibir, atualmente Marrocos, em 1578. Ao tornar-se rei, Sebastião foi chamado “O Desejado” e ao morrer foi aguardado como o “Encoberto”. Isto porque, dadas as circunstâncias misteriosas da sua morte, desenvolveu-se a crença de que talvez tivesse sobrevivido à batalha e se tornado prisioneiro dos mouros ou estivesse escondido (“encoberto”) na África. Daí a espera pelo seu retorno.²⁰⁵

Esse imaginário português transferiu-se para o Brasil com a colonização, estabelecendo raízes especialmente na região Nordeste. A partir de 1640, o principal disseminador dessas ideias foi o padre Antonio Vieira, que teria ajudado a impregnar de sebastianismo as crenças religiosas no Brasil. Logo a crença sebastianista deu lugar à expectativa de um salvador no sentido mais geral, aproximando-se sensivelmente do messias de Israel, ao desenhar o anseio popular pelo aparecimento de um personagem redentor messiânico. O “Encobertismo”, como é também conhecido o sebastianismo, hibridizou-se, portanto, na formação do imaginário religioso brasileiro:

De fato, a história da colonização brasileira manifesta um clima messiânico e, possivelmente, uma mentalidade messiânica. [...]. Os estudiosos desses movimentos concordam, regra geral, que eles surgem em populações rurais subalternas em situações anômicas ou de mudança social, em que os modos de vida tradicionais são ameaçados. [...] Creio ser válida a hipótese de que a junção das crenças indígenas sobre a “Terras sem Males” com as crenças sebastianistas formou na “civilização rústica” brasileira uma mentalidade messiânica.²⁰⁶

Um dos movimentos messiânicos mais representativos é o de Canudos, formado em fins do século XIX, sob liderança de Antônio Conselheiro - um beato católico, visto por seus seguidores como sábio, curandeiro, mensageiro divino, que peregrinou pelos sertões do Nordeste até se estabelecer na região de Belo Monte, interior da Bahia, em 1893. Ali, em torno de sua pregação, em uma antiga fazenda abandonada, agregou-se grande contingente de camponeses pobres, atingidos pelas intempéries das secas, escravizados e também indígenas, mobilizados por crenças hibridizadas do catolicismo de devoção popular.²⁰⁷ Para eles, o “Bom Jesus Conselheiro” seria um profeta divinamente enviado para socorrê-los, aguardando-se pela chegada de um tempo apocalíptico, conforme as profecias do monge.

No século XX, registra-se também o movimento messiânico do Contestado, na região fronteira entre Paraná e Santa Catarina, onde camponeses, ervateiros, escravizados, além de gente que havia fugido da guerra de Canudos, reuniram-se em torno da liderança de monges populares, chamados de João Maria e José Maria. Tais

²⁰⁵ CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

²⁰⁶ MENDONÇA, Antônio Govêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Paulinas, 1984, p. 247,248.

²⁰⁷ As regiões Norte e Nordeste brasileiros, são tradicionalmente marcadas por movimentos religiosos populares com perfis messiânicos. Robert Levine comenta que “no período moderno podemos identificar oito movimentos messiânicos brasileiros que [...] deixaram as suas marcas importantes” no país, de inspiração sebastianista, como o de Pedra Bonita, em Pernambuco, em 1817; O Reino Encantado, também iniciado em Pernambuco, por volta de 1836; A Cidade Santa (Juazeiro, Ceará), fundada em 1872 pelo Padre Cícero, o mais extenso movimento messiânico brasileiro, visto que hoje ainda permanece. (LEVINE, Robert. *O sertão prometido*. O massacre de Canudos. São Paulo: Edusp, 1995, p. 305).

líderes, em períodos subsequentes, foram vistos como sábios, conselheiros, curandeiros, profetas, que atendiam a estas populações devotas de um catolicismo de devoção popular. Ali formaram uma comunidade igualitária e alternativa,²⁰⁸ onde circulavam ideias sebastianistas, com anúncio do fim da República e a volta da monarquia. A “Guerra do Contestado”, como ficou conhecida, entre 1912 e 1916, pois fim àquela comunidade. Morreram os monges e grande parte de seus seguidores, mas a crença sobreviveu, no imaginário que resiste.²⁰⁹

Também o protestantismo,²¹⁰ estabelecido no Brasil pelo movimento missionário, a partir do século XIX, em sua vertente norte-americana, ajudou a alimentar de algum modo o imaginário messiânico, pela ênfase no chamado “Destino Manifesto”, que pressupunha ser a “civilização cristã norte-americana” o protótipo do reino messiânico que se consolidaria com o retorno de Cristo à Terra. Assim, àquele povo, divinamente eleito, caberia a tarefa de converter as outras nações:

[...] uma incrível inquietação messiânico-milenarista na América do Norte atingiu seu auge no século XIX. [...] Para muitos líderes e pensadores eclesiais a vinda gloriosa do Reino se daria após a implantação da civilização cristã; por isso a cristianização da sociedade seria uma preparação para a vinda do Reino de Deus, fato que promoveu a empresa missionária via “Destino Manifesto”.²¹¹

Essa presença histórica de messianismos no contexto brasileiro, constitui-se, portanto, em um capital simbólico estabelecido no campo:

Aquilo que define a estrutura de um campo num dado momento é a estrutura da distribuição do capital entre os diferentes agentes engajados nesse campo. Muito bem, dirão, mas o que você entende por capital? Só posso responder brevemente: cada campo é o lugar de constituição de uma forma específica de capital.²¹²

2 Contexto e consagração da atuação messiânica

Há um contexto que gera um tipo de latência para projeção da crença e do surgimento de figuras messiânicas. Jean Delumeau,²¹³ aponta como cenário para o florescimento de movimentos com estes perfis os “desequilíbrios surgidos no interior

²⁰⁸ Os camponeses lutavam contra a invasão de suas terras, feita por uma companhia concessionária que recebeu terras do governo brasileiro como forma de pagamento pela construção de uma ferrovia ligando o Rio Grande do Sul a São Paulo, a qual passando sobre territórios do Contestado, realizou intensa exploração pelo corte de madeira, derrubando florestas de erva-mate, o meio de subsistência daquela população cabocla.

²⁰⁹ Houve a morte de mais de dez mil camponeses. Apenas a crença resistiu, mantendo-se viva no imaginário de uma espera messiânica sebastianista projetada em um futuro novo.

²¹⁰ Ainda que seja predominante no ambiente do catolicismo de devoção popular, há ocorrência de movimentos com traços messiânicos no protestantismo, como é o caso dos Mucker, que na década de 1870, no Rio Grande do Sul, formaram uma comunidade de imigrantes germânicos, de origem protestante, guiada por um casal que se distinguia pelo carisma, visões místicas e anúncios apocalípticos.

²¹¹ MENDONÇA, 1984, p.55.

²¹² BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência*. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Edunesp, 2004, p.26.

²¹³ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300 – 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.155.

de uma sociedade dada ou de uma desorganização social, os quais podem recrutar adeptos em todos os níveis sociais”. Maria Isaura,²¹⁴ quando associa sua ocorrência em universo simbólico posicionado especialmente nos setores da população rural, observa que contextos de expropriação ou de privação a que camponeses estão submetidos, representam os principais fatores para tais manifestações. Peter Berger²¹⁵ afirma que “manifestações do messianismo religioso, do milenarismo e da escatologia, como seria de se esperar, associam-se historicamente aos tempos de crise e desastre, de causas naturais ou sociais”. Robert Levine comenta que “a influência que o líder exerce em seus seguidores se deve, em geral, à insegurança e à desesperança generalizadas”. E acrescenta:

A maioria dos movimentos messiânico-milenaristas surge em consequência de movimentos de agitação econômica e social, de grandes privações, de crescimento das ansiedades e tensões do povo, de conturbações psicóticas coletivas, ou então como forma de protesto social.²¹⁶

Pierre Bourdieu, em sua obra *A Produção da Crença*,²¹⁷ oferece elementos para se perceber a criação e circulação de bens culturais e, por conseguinte, a consagração de figuras com perfil carismático. O princípio da eficácia de todos os atos de consagração não é outro senão o próprio campo, lugar de capital simbólico socialmente acumulado. Apoiado “em parte, na crença ou no reconhecimento”,²¹⁸ “de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e de divisão” e “os sistemas de classificação”,

o capital simbólico é que faz com que reverenciemos Luís XIV, que lhe façamos corte, com que ele passe a dar ordens e que essas ordens sejam obedecidas, com que ele possa desclassificar, rebaixar, consagrar, etc. O capital simbólico é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e reconhecimento.²¹⁹

O agente messiânico, assim, deriva seu carisma²²⁰ do capital simbólico existente no campo, apoiando-se em “expectativas coletivas, em crenças socialmente inculcadas”²²¹:

²¹⁴ QUEIROZ, 1982.

²¹⁵ BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985, p.53.

²¹⁶ LEVINE, 1995, p.327.

²¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença*. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002, p.30.

²¹⁸ CATANI, Afrânio Mendes et al. (orgs.) *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p.110.

²¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996, p. 149, 150.

²²⁰ Termo aqui entendido como capacidade ou habilidade que distingue um indivíduo ou grupo e que exerce fascínio. Em Max Weber, é associado à habilidade inata ou atributos próprios do indivíduo; em Pierre Bourdieu, considera-se construído por atribuição e reconhecimento coletivo, a partir do capital simbólico do campo que o predispõe. Ver: WEBER, Max. *Economia de sociedade*. V. 1. Brasília: UNB, 1991.

²²¹ BOURDIEU, 1996, p.107, 177.

O capital de autoridade de que dispõe um agente religioso se associa diretamente à força material e simbólica dos grupos ou classes que ele pode mobilizar, oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses religiosos e políticos.²²²

Esse líder passa a responder às expectativas dos que a ele se apegam, por “pensamentos, percepções e ações, em concordância com as normas de uma representação religiosa do mundo que é ajustada a uma determinada visão política do mundo social”.²²³ A apropriação de mitos e a mobilização de símbolos com forte apelo popular impregnados no imaginário coletivo, são desse modo elementos que dão sustentação às práticas messiânicas ressignificadas:

Muitos movimentos, mesmo derrotados militarmente, permanecem na memória social e por ela são relidos [...]. Muitas experiências que foram postas em prática em movimentos, vão sendo reapropriadas [...]. Ao ser reapropriada pela memória social, a revolta ganha realmente importância, isto é, passa a ser utilizada de forma diferente pelas pessoas, de acordo com o contexto em que vivem.²²⁴

As últimas décadas do século XX teriam se constituído em um terreno fértil à aparição de elementos messiânicos: condições sociais de exclusão, contingentes experimentando situações de pobreza e violência, profundas incertezas e desestabilidade existenciais, em proporções ainda maiores entre aqueles que migraram do mundo rural para os centros urbanos, intensificando a formação de periferias pobres, necessitando reconstruir as referências de coletividade. A massificação da vida nos grandes centros urbanos leva o indivíduo a conviver com problemas de natureza psicossocial: a solidão e a perda de muitos referenciais simbólicos como a família e a religião da tradição. Logo, torna-se necessário buscar alternativas que preencham os espaços vazios que o novo estilo de vida proporcionou.

Nesse contexto, eclodiu uma massa emergente de indivíduos em busca de respostas mais rápidas aos seus dramas e anseios, ocorrendo aí a mobilização do denso capital simbólico presente no campo religioso brasileiro. As instituições religiosas mais tradicionais não foram capazes de responder a esse contingente migrante: no lado protestante clássico, a aridez simbólica de seus ritos; no lado católico, correntes como a Teologia da Libertação não possuíam a pressa da mudança, visto ser necessária a progressiva criação de uma consciência revolucionária. Assim, segmentos neopentecostais passaram a representar espaço de acolhimento para essa demanda, possibilitando ressignificações de um fertilíssimo mundo de práticas híbridas, de soluções mais instantâneas mediadas pelo “sobrenatural”, reencantadas por atuações fundadas no carisma. Recriavam-se, desse modo, anseios e representações messiânicas na busca por respostas às aflições vivenciadas por populações urbanas em tal período.

3 O messianismo nas práticas evangélicas recentes

Representações, segundo Roger Chartier, consistem em “configurações sociais próprias de um tempo e de um espaço”, e assim como “as estruturas do mundo social

²²² CATANI, 2017, p. 94.

²²³ CATANI, 2017, p. 94.

²²⁴ JOANILHO, André Luiz. *Revoltas e rebeliões*. São Paulo: Contexto, 1989, p. 73,75.

não são um dado objetivo” - tradicionalmente postuladas como “um real bem real”, existindo por si mesmo - as representações também não são simples reflexos daquelas”.²²⁵ As representações do mundo social são historicamente construídas, “são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam”.²²⁶ Diretamente ligada a este conceito, está a noção de práticas, que segundo Chartier, decorrem das representações e visões de mundo dos grupos que as forjam, ou seja, as práticas se constituem no “referente externo” ou na “objetivação histórica” das representações.²²⁷

Três aspectos são aqui considerados para análise de representações de messianismo nas práticas evangélicas contemporâneas: mobilizações para enfrentamento de inimigos imaginários; teologia do domínio; aparição de uma liderança carismática de cariz messiânico.

Primeiro, sobre a mobilização para uma batalha contra inimigos, ancorada na ideia de uma ameaça latente e na necessidade de seu enfrentamento, com a formação de uma espécie de “exército divino”, vale considerar que uma dessas fantasmagoria que assombram o imaginário evangélico é o comunismo, ressurgido com força no contexto que antecedeu às eleições para presidente da República, em 2018. Essa ameaça ou medo também já havia, por exemplo, levado setores do cristianismo a se aproximar do regime militar em busca de proteção, quando, em 1964, a partir de um golpe, passou a governar o Brasil. Naquele contexto de Guerra Fria, a ameaça comunista era vista como algo que poderia fechar igrejas, perseguir cristãos e interferir nos valores tradicionais da família. As comunidades de fé funcionaram durante aquele regime como caixas de ressonância que reverberavam em suas pregações a ideologia norte-americana de combate ao que nominavam de “demônio soviético”, ou “reino do anticristo”. Fixava-se, assim, no imaginário coletivo, uma identificação de governos militares como os defensores da pátria, da religião e da família.

A queda do Muro de Berlim, em 1989, simbolizando o fim do bloco soviético, de certo modo trouxe um alento ao imaginário evangélico, representando vitória contra o mal. No entanto, ocorreu a partir dali um deslocamento do olhar sobre outras ameaças a serem combatidas: os partidos de esquerda abraçaram pautas a favor de temas polêmicos para a visão evangélica conservadora, como temas ligados à família, aborto, criacionismo, gênero, homossexualidade, movimento feminista e drogas. O Partido dos Trabalhadores passou a ser visto como a configuração desse perigo, fortalecendo assim o crescente “antipetismo”.

Esse engajamento tomou formas mais práticas e tem levado recentemente evangélicos às ruas para passeatas e manifestações de apoio inclusive ao armamento da população. Reacendeu-se, desse modo, um imaginário já estabelecido em matrizes de longa duração histórica no Brasil, que associa o sagrado à guerra ou à violência. René Girard, em sua obra intitulada *A violência e o sagrado*,²²⁸ analisa o modo como a religião torna-se violenta ou é instrumentalizada pela violência, apontando exemplos observados na história, com no ataque a judeus, nas cruzadas, nas inquisições, ou, em geral, nas chamadas “guerras santas”. Lembra que não por acaso, em diferentes civilizações e épocas, os panteões das religiões sempre estiveram cheios de deuses da guerra.

²²⁵ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Difel: Lisboa, 1990, p. 23.

²²⁶ CHARTIER, 1990, p. 23,26.

²²⁷ CHARTIER, 1990, p. 86, 87.

²²⁸ GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Unesp, 1990.

Parte do imaginário evangélico brasileiro é marcada pela ideia de uma sociedade em permanente ameaça, semelhante a uma arena na qual se trava uma luta do bem contra o mal, instando os fiéis a se engajarem em um enfrentamento. Vale lembrar que neopentecostalismo, surgido nos anos 1970/80, teve como uma de suas marcas a chamada “batalha espiritual”, cujo discurso reencanta o mundo, em que os fiéis se veem convocados a uma cruzada contra o mal, situado, inclusive, em territórios simbolicamente demarcados. Disto decorre um apreço por instituições fortes que simbolizam ordem e defesa, como é o caso do exército. Nota-se entre os evangélicos, sobretudo os neopentecostais, uma predileção pela leitura e prédica do Antigo Testamento, onde é mais recorrente o uso do vocabulário belicoso; pouco se fala nestes ambientes sobre o Novo Testamento, exceto o livro do Apocalipse, o qual possibilita apropriação de sua simbologia para mobilizações e enfrentamentos combativos. Essa identificação com a linguagem bélica ou militarizada, pode ser notada, por exemplo, nas letras de música do cancionário evangélico. Versos que associam a igreja a um “exército”, em “plano guerra”, que se utiliza de “arma”;²²⁹ frases que identificam Deus à “guerra”, que vence os seus “inimigos” e concede “poder para guerrear”;²³⁰ letras que falam de “batalha”.²³¹ Canções que destacam as palavras “batalhão”, “adestramento” e preparo “para guerrear”, denotando inclusive requinte de violência contra os “inimigos”, que são “perseguidos”, “consumidos” e “atravessados” (simbolizando a espada que transfixa).²³² E, ainda, outro exemplo de letra em que a linguagem é novamente “militarizada”, com emprego dos termos “guerra”, “batalha”, “arma de guerra”, “peleja”, “exércitos”.²³³

Tal vocabulário ajuda assim compreender, por exemplo, a interatividade de Jair Bolsonaro e o público evangélico quando, ainda candidato a presidente da República, imitava com as mãos uma arma de fogo nos eventos de que participava durante o pleito eleitoral, sendo ovacionado pela plateia. E também o que retrata uma reportagem jornalística feita na ocasião, que dizia: “não é difícil encontrar o nome de Deus ao lado de imagens de fuzis AR-15 estampados nas camisetas vendidas por apoiadores do

²²⁹ “Eu posso escutar/ O **exército** de Deus/ **marchando** sobre a terra/ Em plano de **guerra** vai/ Já ouço o louvor que é a **arma** de vitória/ O **exército** de Deus/ O exército de Deus/ O exército de Deus/ Marchando vai!” (O EXÉRCITO de Deus. Interpretação musical de Adhemar de Campos. 1990). [online]. (Grifos nossos).

²³⁰ “Homem de **guerra** é Jeová/ Seu nome é temido na Terra/A todos **os seus inimigos** venceu/ Deus grande e temido em Louvores/ Quem é como o Senhor/ Entre os deuses sobre a terra/ Que me livra do mal/ Que me dá **poder para guerrear**”. (HOMEM de Guerra. Interpretação musical de Adhemar de Campos. 1992.). [online]. (Grifos nossos).

²³¹ “Pelo senhor marchamos sim/ O seu **exército** poderoso é/ Sua glória será vista em toda a terra/ Vamos cantar o canto da vitória/ Glória a Deus, vencemos a **batalha**/ Toda **arma** contra nós perecerá/ O **nosso general** é Cristo/ Seguimos os seus passos/ Nenhum **inimigo** nos resistirá [...]”. (NOSSO general. Interpretação de Adhemar de Campos. 1994). [online]. (Grifos nossos).

²³² “O Caminho de Deus é perfeito/ Na palavra do Senhor há poder/ Ele é a **arma**, o escudo de todos os que nele confiam/ Ele é a minha fortaleza e a minha força/ Com ele passo pelo meio de um **batalhão**/ Ele **adestra minhas mãos, me prepara para guerrear**/ Porque quem é Deus senão o Senhor/ E quem é o rochedo senão nosso Deus/Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia/ **Persegui os inimigos** e os alcancei/ Os consumi e **os atravessei**/ Sob os pés do senhor caíram/ Não mais se levantaram”. (O CAMINHO de Deus é perfeito. Interpretação de Asaph Borba. 1985). [online]. (Grifos nossos).

²³³ “[...] **Guerreia** por mim/ Glorioso Senhor, Poderoso nas **batalhas**/ Tu és o meu escudo e **arma de guerra**/ Envia teus anjos pra **pelejar**/ Em meu favor nesta **batalha**/ Tu és o Senhor dos **exércitos**, Rei/ [...]”. (SENHOR dos Exércitos, Rei. Interpretação do grupo Diante do Trono. 2017). [online]. (Grifos nossos).

candidato durante a campanha”.²³⁴ Ele assim se comunica eficazmente, transmitindo uma mensagem revestida de significados e familiaridade a integrantes deste grupo:

A retórica de Bolsonaro, tal como a neopentecostal, é dualista e belicosa. Ele faz das palavras armas de guerra. No seu discurso há sempre um ataque contra a “esquerda” responsabilizada pela crise econômica, política, social, e moral que atualmente abala o Brasil. As suas cruzadas podem ser resumidas na expressão “Deus o quer”, “Deus está conosco” ou “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”.²³⁵

As grandes empresas fabricantes de armas de fogo, inclusive, viram em Bolsonaro a figura política ideal a ser apoiada: não apenas por sua carreira militar, mas por seu explícito posicionamento favorável ao uso de armamentos por civis. Eleito presidente da nação, cumpriu de imediato o que havia prometido em campanha: empenhar-se pela flexibilização de leis visando a liberação do uso de tais equipamentos pela população. Postura celebrada, inclusive por evangélicos. E essa aproximação ou amistosidade do público evangélico com a belicosidade foi demonstrada, por exemplo, quando a Taurus Armas, uma das maiores fabricantes de armas de fogo da América, patrocinou neste período um grande evento da música gospel, no Rio Grande do Sul.

O que se observa na prática de determinados segmentos evangélicos é o espelhamento de uma sociedade com “saudosismo sebastianista”, identificada com governos monárquicos, com poderes absolutos, que se impõem com a força de exércitos e providência divina, daí ser recorrente o emprego de termos como “rei”, “reino” ou “senhorio”. Cabe pontuar que os evangélicos de hoje são, em grande parte, os católicos de ontem: eivados por imaginários messiânicos em sua devoção mais popular e também por identificação e apoio, na forma mais institucional, ao regime militar que governou o Brasil por duas décadas. O comportamento evangélico nas recentes mobilizações de rua no país, espelha também esse passado.

Segundo aspecto, a influência de uma teologia do domínio. Essa perspectiva está ancorada na visão bíblico-interpretativa das territorialidades demarcadas pelo dualismo do bem e do mal, ou seja, de que há “principados e potestades” que interferem nos sistemas que governam o mundo. Decorre daí a necessidade de uma “batalha espiritual” que leve à deposição dos agentes do mal, para que tais lugares de poder sejam ocupados por pessoas tementes a Deus, que possam assim mediar bênçãos e prosperidade sobre a nação. A participação evangélica na política e sua identificação majoritária com a direita, estão, em parte, associadas a uma visão religiosa originária de um movimento denominado “teologia do domínio” ou “teologia dos sete montes”.²³⁶ A simbologia dos montes se refere ao papel da igreja em ser responsável por estabelecer princípios da fé cristã nos diversos setores da sociedade, posicionando-se “no cume dos montes para dessa forma influenciar a sociedade”, adotando para isso “uma

²³⁴ O GLOBO. Época. Como Bolsonaro se tornou o candidato dos evangélicos. 06/10/2018. [online].

²³⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira. Bolsonaro – mito político ou líder carismático? In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (orgs.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Stiftung, 2020, p.360.

²³⁶ Uma referência simbólica para identificar sete áreas: artes e entretenimento; mídia e comunicação; governo e política; educação e ciência; família; economia e negócios; igreja e religião.

mentalidade de conquista, com o propósito de alcançar a qualidade de ser cabeça de toda cultura”.²³⁷ Parte-se de uma constatação:

Hoje, o controle de várias das esferas mais influentes **está nas mãos da esquerda secular**, especialmente na educação e na mídia. Ainda há resistência na área dos negócios e no campo político. Os mestres desse ensino das sete montanhas estão encorajando os cristãos e judeus messiânicos a abraçar os chamados em cada uma dessas sete esferas para mudar a direção de toda a cultura.²³⁸ (Grifos nossos).

Mesmo o estado sendo laico, busca-se fazer prevalecer a influência evangélica sobre o espaço político, disseminando valores conservadores, controle, ordem e defesa dos princípios morais cristãos tidos como corretos. Parte-se da visão de que na democracia a vontade da maioria deve se impor, no caso, maioria cristã; democracia, aí, não é entendida também como respeito às minorias. Esse movimento surgiu com a criação nos anos 1990 da *Capitol Ministries* (Ministério do Capitólio)²³⁹ - símbolo do Congresso americano - com a finalidade de desenvolver um cristianismo aplicado à política, ou seja, “converter” políticos e servidores públicos a uma visão cristã evangélica da política, alinhada à ultradireita americana. Desde 2018, a organização expandiu suas atividades em cinco países latino-americanos²⁴⁰ e, mais recentemente, no Brasil, atuando junto ao Senado, Câmara, aproximando-se também do presidente Bolsonaro e outros integrantes de seu governo.²⁴¹

Dentro desta perspectiva, a bancada evangélica, no Congresso Nacional, direciona seus projetos como uma missão para estender sua ocupação no legislativo, nos meios de comunicação e nas decisões das políticas públicas. Busca inserir suas crenças e valores na normatividade jurídica e no ensino. Seus parlamentares são os principais proponentes dos projetos de lei da chamada “escola sem partido” - relacionado às pautas da moralidade sexual - e também à imposição de um tipo de censura à atuação de educadores nas escolas, além da tentativa de influência e direcionamento sobre os materiais didáticos.

Terceiro aspecto, a aparição de uma figura capaz de atender aos anseios de implementação de um mundo evangélico, com seus padrões e valores, sobre toda a sociedade brasileira. As eleições presidenciais no Brasil, em 2018, projetaram um candidato que respondia à expectativa evangélica de um dia ter um governante como seu representante. Mesmo permanecendo oficialmente católico, Bolsonaro é casado com uma evangélica, tem uma filha evangélica, frequenta cultos deste segmento, sendo espiritualmente assessorado por pastores influentes no Brasil. Um ato representativo ocorreu em 2016, um dia antes do Senado decidir afastar Dilma Rousseff da presidência da República: Bolsonaro e seus familiares viajaram a Israel e lá foram batizados no Rio Jordão, pelo pastor Everaldo, da Igreja Assembleia de Deus, também presidente do Partido Social Cristão (PSC). Este ato repercutiu simbolicamente e selou uma aliança entre Bolsonaro e o imaginário evangélico.

²³⁷ GUILLEN, Fernando. *Sete montes*. Macaé: Editora Sete Montes, 2000, p.6.

²³⁸ REVISTA Impacto. O ensino das sete montanhas. 2/11/15. [online].

²³⁹ Criado pelo pastor Ralph Drollinger, ex-jogador de basquete, na Califórnia.

²⁴⁰ México, Honduras, Paraguai, Costa Rica e Uruguai.

²⁴¹ Sob liderança de Raul Ferreira, pastor da Igreja Batista Vida Nova, de Brasília, que recebeu treinamento nos Estados Unidos.

No Congresso, onde havia atuado como deputado por sete mandatos, Bolsonaro estava próximo dos parlamentares que pertenciam à bancada evangélica. Engajou-se nas posições conservadoras dessa bancada; juntou-se ao ativismo corporativista numa cruzada moral contra reivindicações de direitos de feministas e de comunidades LGBTQIA+. Como candidato, prometia combater a esquerda e o petismo; seu discurso avançou em bandeiras moralistas, prometendo defender a fé, a família, o controle na educação dos filhos, o combate à chamada ideologia de gênero nas escolas, alternando com frequência referências ao Hino Nacional e repetição à exaustão dos dizeres bíblicos: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8:32). Esta frase, a despeito de sua interpretação anacrônica e fora de contexto, juntou-se ao *slogan* “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, reverberando favoravelmente no imaginário evangélico. Projetou-se como um militar capaz de derrotar o inimigo petista, de livrar o país do comunismo, de assegurar o direito aos pais de educarem seus filhos, evitando assim a destruição da família em seu modelo considerado tradicional.

A partir do segundo semestre daquele ano eleitoral, vários líderes evangélicos influentes, como Silas Malafaia, Marco Feliciano, Edir Macedo, R.R. Soares, além de cantores conhecidos da música gospel, declararam apoio apologético à eleição do atual presidente. Wellington Bezerra, líder das Assembleias de Deus, afirmou sobre Bolsonaro: “é o único candidato que fala o idioma evangélico, capaz de defender um Brasil mais próximo da Bíblia, que prioriza também a família”.²⁴² A posição anti-esquerda foi destacada também nos argumentos do deputado federal Hidekazu Takayama (PSC/PR), pastor das Assembleias de Deus e presidente da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), que reúne 199 deputados e 4 senadores, quando pouco antes do primeiro turno oficializou apoio da bancada a Bolsonaro, ressaltando que “o grupo entende que Bolsonaro é o nome mais adequado para lutar pelas pautas de seus integrantes”, acrescentando que “nosso intuito é evitar que candidatos filiados a extrema esquerda assumam, mais uma vez, a direção do país”.²⁴³ Foi assim sacralizada a direita política e demonizado o Partido dos Trabalhadores e toda a esquerda, sob acusação de terem Cuba como referência e o projeto de “tornar o Brasil uma Venezuela”. No imaginário evangélico, portanto, a esquerda está associada ao mal, ao ateísmo e a questões morais indevidas:

Apesar de o PT não ser um partido que tenha uma agenda comunista ou socialista, os evangélicos imaginam que a esquerda é comunismo, e comunismo é algo ateu, contrário à família. Essa é a visão preponderante. É uma visão simples de associar um selo. Esquerda, então comunista. Comunista, então ateia. Ateia, contra a família e pró-união homoafetiva e aborto, por exemplo.²⁴⁴

Passado o pleito, em 2018, pesquisas apontaram que 70% dos evangélicos, ou seja, cerca de 21 milhões, votaram em Jair Bolsonaro, um político declaradamente de direita, representando cerca de 11 milhões de votos a mais em relação aos votos que os evangélicos deram a Fernando Haddad, concorrente petista, número esse também correspondente à diferença de votos que Bolsonaro obteve sobre Haddad.

²⁴² O GLOBO, 2018. [online].

²⁴³ ESTADÃO. Bancada evangélica da Câmara oficializa apoio a Bolsonaro. 4/8/2018. [online].

²⁴⁴ O GLOBO, 2018. [online].

Ao tomar posse, o ex-capitão nomeou evangélicos para ocuparem os cargos no primeiro e segundo escalões de seu governo. Soube manter a proximidade com os evangélicos por meio de gestos simbólicos. Em 2019, pela primeira vez um presidente participaria da Marcha para Jesus, evento evangélico que ocorre anualmente em São Paulo, e que reuniu nesta edição cerca de 3 milhões participantes. No palco, ladeado por expressivas lideranças evangélicas do país,²⁴⁵ vestindo a camiseta oficial daquela celebração, ao fazer uso da palavra foi ovacionado pela multidão aos gritos de “mito”. Ao usar o microfone, discursou: “O Estado brasileiro é laico, mas o seu presidente é cristão. Vocês foram decisivos para mudar os destinos desta pátria maravilhosa chamada Brasil. No meu governo a família tradicional é respeitada”. Em seguida, a bispa Sônia Hernandez repetiu o *slogan* da campanha, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Bolsonaro encerrou sua participação defendendo o projeto que flexibiliza o uso de armas no país e simulando com o gesto das mãos o manejo de uma arma de fogo, enquanto recebia efusivos aplausos da multidão; logo após, juntamente com os pastores levantou a bandeira de Israel.²⁴⁶

No caso de Bolsonaro, “ele se apresenta como um escolhido pela divindade para captar as esperanças e decepções dos desiludidos da política. Julga-se capaz de transformar o desespero em esperança”.²⁴⁷ Representando uma “nova direita” e uma “nova política” - frente ao desgaste da esquerda – tornou-se para seus leitores um dos poucos políticos honestos do Brasil, tendo a missão de proteger a população da violência, defender a família e salvar o país da ameaça fantasmagórica do comunismo.

Conclusão

Um contexto de incertezas e instabilidade, na última década, potencializou a necessidade de um líder carismático ou salvacionista. Conforme Bourdieu,²⁴⁸ “quando a ordem estabelecida ameaça romper-se ou quando o futuro inteiro parece incerto”, surge o “homem de situações extraordinárias”, com a missão de reordenar o mundo percebido como caótico. Para isso, seu discurso é articulado a um determinado grupo social e a um capital simbólico acumulado no campo, do qual deriva seu poder. Ao trazer à realidade cotidiana mitos e imagens colhidos no imaginário, ele atinge seus objetivos.²⁴⁹ Foi assim que o antigo sonho acalentado por um grupo religioso de eleger um mandatário político como seu representante parece ter finalmente se realizado, ainda que por meio de um “quase evangélico”: “Foi muito caro a muitos evangélicos imaginar ter no poder maior do país alguém defensor de suas pautas, como ‘homem simples, do povo, que fala o que pensa’ e isto parece ter sido um propulsor do voto que descarregaram em Bolsonaro”.²⁵⁰

No ativismo político emergente, pavimentou-se uma pista de mão dupla, entre o púlpito e o palanque, havendo uma sacralização do político e uma politização do sagrado; para chegar a presidente da República, Bolsonaro soube transitar nessa via. Projetou-se como capaz de derrotar o inimigo petista e os perigos a ele associados, de livrar o país do comunismo, de assegurar o direito aos pais de educar seus filhos,

²⁴⁵ Como Estevam Hernandez, Sonia Hernandez, Valdemiro Santiago e Marco Feliciano.

²⁴⁶ RÁDIO Jovem Pan. Reportagem: evangélicos e o presidente Jair Bolsonaro. 21/6 2019. [online].

²⁴⁷ CAMPOS, 2020, p.362.

²⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p.73,74.

²⁴⁹ CAMPOS, 2020, p.364.

²⁵⁰ O GLOBO, 2018. [online].

evitando assim uma reorientação sexual das crianças, de impedir a destruição da família em seu modelo considerado tradicional.

O presidente eleito respondeu habilmente a anseios do imaginário evangélico: conquistar o poder, combater o inimigo, promover um armamento como que estivesse formando um exército pronto para a guerra contra o mal e a defesa de valores tradicionais; seu pertencimento ao exército traduz a ideia de ordem, autoridade e honestidade; sua identificação com Israel o projeta simbolicamente com um enviado divino.

Para além da casualidade do nome, representações messiânicas de longa duração histórica voltaram à superfície no cenário religioso contemporâneo, projetando uma figura revestida simbolicamente de missão divina para reestabelecer a ordem social. Evangélicos demonstram estar representados, protegidos e guiados pelo Messias que ajudaram a guindar ao poder.

Referências

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Edunesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Bolsonaro – mito político ou líder carismático? In: CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez (orgs.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Stiftung, 2020.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

CATANI, Afrânio Mendes et al. (orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Difel: Lisboa, 1990.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ESTADÃO. Bancada evangélica da Câmara oficializa apoio a Bolsonaro. 4/8/2018. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,bancada-evangelica-oficializa-apoio-a-bolsonaro,70002532347>. Acesso em: jan. 2021. Acesso em: 10 jan. 2021.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Unesp, 1990.

GUILLEN, Fernando. *Sete montes*. Macaé: Sete Montes, 2000.



HOMEM de Guerra. Interpretação musical de Adhemar de Campos. 1992. Disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/adhemarde-campos/1450011/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

JOANILHO, André Luiz. *Revoltas e rebeliões*. São Paulo: Contexto, 1989.

LEVINE, Robert. *O sertão prometido*. O massacre de Canudos. São Paulo: Edusp, 1995.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

NOSSO general. Interpretação de Adhemar de Campos. 1994. Disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/adhemar-de-campos/1450011/>. Acesso em: 18 jan. 2021.

O CAMINHO de Deus é perfeito. Interpretação de Asaph Borba. 1985. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/asaph-borba/172307/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

O EXÉRCITO de Deus. Interpretação musical de Adhemar de Campos. 1990. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ademar-de-campos/o-exercito-de-deus.html>. Acesso em: 20 jan. 2021.

O GLOBO. Época. Como Bolsonaro se tornou o candidato dos evangélicos. 06/10/2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/como-bolsonaro-se-tornou-candidato-dos-evangelicos-23126650>. Acesso em: 8 jan. 2021.

PRIEN, H. J. *La historia del cristianismo em America Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa e Omega, 1982.

RÁDIO Jovem Pan. Reportagem: evangélicos e o presidente Jair Bolsonaro. 21/6 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JGC1QiVY_PU. Acesso em: 15 jan. 2021.

REVISTA Impacto. O ensino das sete montanhas. 2/11/15. Disponível em: www.revistaimpacto.com.br Acesso em: 5 jan. 2021.

SENHOR dos exércitos, rei. Interpretação do grupo Diante do Trono. 2017. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/diante-do-trono/283502/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WEBER, Max. *Economia de sociedade*. V. 1. Brasília: UNB, 1991.